

BULLYING ESCOLAR: Uma Revisão Sistemática da Literatura

Amanda Pereira de Albuquerque¹
Sílvia Maciel²

RESUMO

Este estudo teve como objetivo realizar uma revisão sistemática das pesquisas publicadas no Brasil sobre *bullying* escolar entre os anos de 2015 e 2019, buscando analisar o que tem sido produzido sobre o tema e contribuir para a expansão dos estudos na área diante dos altos índices dessa violência no contexto escolar brasileiro. *Bullying* refere-se a comportamentos intencionais e repetitivos de caráter agressivo na relação entre pares. Para a busca eletrônica foram pesquisados artigos publicados nas bases de dados SciELO, Pepsic e Lilacs, utilizando-SE como descritores as palavras-chave *bullying* e escola. Considerando os critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 39 artigos para análise. As publicações foram analisadas em relação à autoria, data de publicação, objetivos, número de participantes, Estado onde foi realizada a pesquisa, idade dos participantes, resultados, discussão e foco de análise. Os resultados reforçam a predominância de estudos descritivos e correlacionais, e 29 eram de cunho nomotético e buscaram a generalização de dados para a caracterização da incidência e perfil dos envolvidos. Apenas 5 estudos relataram programas de intervenção nas escolas, e 2 realizaram estudo de casos. Somente 3 pesquisas acessaram crianças a partir dos 8 anos. Concluímos que há poucos estudos com foco na dinâmica relacional do *bullying*, especialmente do ponto de vista das testemunhas, e com foco investigativo no período da infância. Reconhecer os mecanismos que sustentam uma situação de *bullying* facilita a produção de estratégias de enfrentamento e prevenção na escola. É necessário produzir novas metodologias para acessar as nuances do *bullying* escolar.

Palavras-chave: Revisão sistemática; *bullying*; escola.

SCHOOL BULLYING: A SYSTEMATIC LITERATURE REVIEW

ABSTRACT

This study aimed to carry out a systematic review of the research published in Brazil on school bullying between the years 2015 and 2019. Seeking to analyze what has been produced on the subject and contribute to the expansion of studies in the area, given the high rates of this violence in the Brazilian school context. Bullying refers to intentional and repetitive aggressive behavior in the relationship between peers. For electronic search, articles published in the SciELO, Pepsic and Lilacs databases were searched, using the keywords bullying and school as descriptors. Considering the inclusion and exclusion criteria, 39 articles were selected for analysis. The publications were analyzed in relation to authorship, date of publication, objectives, number of participants, state where the research was carried out, age of the participants, results, discussion and focus of analysis. The results reinforce the predominance of descriptive and correlational studies, twenty-nine were of nomothetic nature and sought to generalize data to characterize the incidence and profile of those involved. Only five studies reported intervention programs in schools, and two carried out case studies. Only three surveys accessed children from 8 years old. We conclude that there are few studies focusing on the relational dynamics of bullying, especially from the point of view of witnesses, and with an investigative focus on childhood. Recognizing the mechanisms that support a bullying situation facilitates the production of coping and prevention strategies at school. It is necessary to produce new methodologies to access the nuances of school bullying.

Keywords: Systematic review; bullying; school.

ACEITO EM: 21/12/2021

¹ Autora correspondente: Universidade Federal de Pernambuco. Av. Prof. Moraes Rego, 1235 – Cidade Universitária, CEP 50670-901, Recife/PE, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/8360231345338205>. <https://orcid.org/0000-0002-6457-4930>. amanda.palbuquerque@hotmail.com

² Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/9034324723747654>. <https://orcid.org/0000-0002-3549-9601>. silviamaciel.psicologia@gmail.com

INTRODUÇÃO

A escola tem sido palco de situações de violência, onde crianças e adolescentes vêm sofrendo o chamado *bullying* escolar. Instaura-se um desequilíbrio de forças, em que a vítima não possui recursos para se defender (OLWEUS, 2013; FANTE, 2005). Vale ressaltar que o *bullying* atravessa outros contextos e ambientes (acontece dentro das casas, nas prisões, nos espaços de trabalho), ou seja, apesar de ser considerado um fenômeno das relações escolares, é passível de ser encontrado em qualquer ambiente de interação social de pares.

Bullying, que é uma palavra de origem inglesa sem tradução precisa para o português, tem seu significado aproximado a termos como “valentão”, “brigão” ou “tirano”. O termo tem sido usado para fazer referência a comportamentos sistemáticos e repetitivos de caráter agressivo, violento, opressor, intimidatório ou ameaçador nas relações entre pares (FANTE, 2005).

Para compreendermos a importância de estudarmos esta questão, vale salientar que o *bullying* tem sido tipificado de diversas formas. As três principais são: o *bullying direto* (ou direto físico), que inclui atos de violência física, como bater, chutar, roubar pertences; o *direto verbal* (ou verbal), que inclui desde o uso de apelidos até a humilhação e a importunação; e o *indireto* (ou relacional), que se apresenta na forma de rumores, atos de exclusão e isolamento social das vítimas (OLIVEIRA-MENEGOTTO; PASINI; LEVANDOWSKI, 2013; OLWEUS, 2013).

Por ser um fenômeno relacional, complexo, multifacetado e contextual, e que costuma se apresentar dissolvido nas relações entre crianças e adolescentes no cotidiano escolar, é, muitas vezes, interpretado como um processo ou fase “normal” do desenvolvimento, dificultando sua detecção e combate. Como é um problema entre pares – e no ambiente escolar é onde prioritariamente se configuram interações entre esses grupos, organizados por faixa etária e etapa escolar – chamamos de *bullying escolar* esses comportamentos agressivos e repetitivos entre pares dentro da escola.

Nas relações de crianças e adolescentes é possível observar alguns padrões de comportamentos. A literatura classifica em quatro categorias os sujeitos envolvidos nos atos de *bullying* em razão dos papéis que assumem na dinâmica relacional: temos as *vítimas* (alvos das agressões), *agressores* (autores das práticas de *bullying*), *agressores-vítimas* e testemunhas (OLWEUS, 2013). Estudos mostram que os agressores estão mais vulneráveis a se engajarem em comportamentos de risco – podem fazer ou vir a fazer uso de álcool e drogas (OLIVEIRA *et al.*, 2016) – e apresentam os piores desempenhos acadêmicos (ZEQUINÃO *et al.*, 2017). Episódios de insônia, sentimentos de solidão e violência familiar foram associados, igualmente, aos agressores (OLIVEIRA *et al.*, 2016). As vítimas apresentam-se menos sociáveis, passivas, ansiosas e com baixa autoestima (CAVALCANTI *et al.*, 2018). Tanto as vítimas quanto os agressores, nesse contexto de violência, portanto, estão suscetíveis a consequências negativas na saúde do ponto de vista integral, como também nos processos de socialização e de aprendizagem.

No Brasil, Oliveira *et al.* (2016) investigaram mais de cem mil estudantes em todo o território nacional (n= 109.104) por meio da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. Este estudo indicou que 20,8% dos estudantes pesquisados eram agressores (índice de

prevalência), que os meninos praticavam 2 vezes mais *bullying* do que as meninas e que a média de idade dos agressores se situava entre 14 e 15 anos. Outras pesquisas (OLIVEIRA *et al.*, 2016; ALCKMIN-CARVALHO; RAFIHI-FERREIRA; MELO, 2017; SAMPAIO *et al.*, 2015) mostram haver uma relação entre a idade e o perfil do sujeito na vivência do *bullying*: os alunos mais novos costumam ser os alvos de violência, enquanto os agressores encontram-se entre os estudantes mais velhos, com média de idade entre 13 e 15 anos.

A literatura (OLWEUS, 2013) relaciona essa dinâmica etária de prática de *bullying*, às transições para as etapas de ensino (para os anos finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio) nas escolas brasileiras – lembrando que as novas cobranças escolares vêm acompanhadas das transformações biológicas e psicossociais da adolescência. Talvez em virtude destes dados, poucas produções (MARTINS; FAUST, 2018; ZEQUINÃO *et al.*, 2016, 2017) sobre o *bullying* escolar tenham surgido no período da infância.

Em razão das poucas fontes identificadas preliminarmente, e sabendo que “a revisão sistemática (RS) é uma das técnicas mais robustas para avaliação e síntese da literatura em diversos campos de conhecimento” (ZOLTOWSKI *et al.*, 2014, p. 97), optamos por seguir o que sugerem Zoltowski *et al.* (2014) como sendo pontos relevantes para o estabelecimento de uma RS de qualidade, levando em consideração o respeito a um modelo de escrita sistematizado e o cumprimento de alguns critérios que atestem à qualidade técnica de nossa RS.

Entendemos, ainda, que, para o caso específico deste estudo, a revisão sistemática (RS) apresenta-se como uma metodologia adequada para mapear o “estado da arte” das produções que vêm sendo desenvolvidas sobre o *bullying* escolar. Coelho (2016) afirmou que sistematizar um conjunto de informações, construídas em um período específico de tempo, acompanhando seu curso de descobertas, torna a RS um instrumento adequado para guiar o pesquisador para a construção de pesquisas pertinentes para os avanços científicos.

Sendo assim, este estudo realiza uma revisão sistemática (GOMES; CAMINHA, 2014; ZOLTOWSKI *et al.*, 2014) das pesquisas empíricas realizadas no Brasil sobre o *bullying* escolar. Este trabalho optou por investigar artigos publicados no período de 2015 a 2019, disponíveis nas bases de dados (bibliotecas *online*) ScieELO, Pepsic e Lilacs, visando a avançar no estudo produzido por Coelho (2016) de revisão sistemática sobre o *bullying* nos períodos de 2009 a 2014, buscando analisar o que tem sido produzido sobre o tema e contribuir para a expansão dos estudos na área, diante da emergência de novas demandas e dos altos índices desse tipo de violência no contexto escolar brasileiro.

METODOLOGIA

Com o objetivo de identificar os artigos científicos publicados no Brasil sobre o *bullying* escolar, bem como investigar o teor das informações por eles tratadas, estabelecemos como critérios de inclusão neste estudo: artigos empíricos completos, publicados entre 2015 e 2019, cujo tema tocasse no *bullying* escolar em pesquisas realizadas no Brasil. Foram definidos como critérios de exclusão: dissertações e teses, resumos em anais de congressos, textos de editoriais, livros e capítulos de livros, projetos

de pesquisa, artigos de revisão bibliográfica e artigos que estabelecem reflexões sobre *bullying* em outros contextos, que não o escolar. A busca por esses artigos foi realizada nas bibliotecas *on-line* do SciELO, Pepsic e Lilacs, a partir dos descritores *bullying* e escola, que deveriam constar nas palavras-chave, título ou resumo.

RESULTADOS

Considerando os descritores, o período de publicação especificado para a pesquisa e local de pesquisa, foram encontradas 36 pesquisas na base SciELO, 15 pesquisas na base Lilacs e 45 pesquisas na base Pepsic (totalizando 96 estudos). Vale ressaltar que no sistema de busca da biblioteca SciELO o período de 2019 não era apresentado como opção na tela.

Nesse processo, como afirmamos anteriormente, foram excluídos artigos de revisão bibliográfica, artigos teóricos, validação de questionários, teses, dissertações, capítulos de livros, pesquisa fora do contexto escolar, artigos fora do período especificado no estudo, ou fora do Brasil, e que não se referisse ao *bullying* escolar – no total, na base SciELO, 15 artigos atendiam aos critérios de exclusão, 5 da base Lilacs também foram excluídos em razão dos critérios de análise e 29 da base Pepsic. Ainda foram excluídos 8 artigos que apareciam duplicados, pois se encontravam em mais de uma base. Desse modo, foram analisados, neste estudo, 39 artigos.

Para a análise, todos os artigos foram lidos, analisados e organizados numa tabela em relação à autoria, data de publicação, objetivos, número de participantes, Estado onde foi realizada a pesquisa, idade dos participantes, resultados, discussão e foco de análise.

Baseando-nos no estudo de revisão sistemática de Coelho (2016) sobre o mesmo tema, organizamos os 39 artigos em 5 categorias de focos de análise, utilizando estas siglas FD, FC, FR, FI e FEC: estudos com foco descritivo, FD (16 artigos buscaram investigar a incidência, prevalência e tipificação do fenômeno); estudos sobre fatores correlacionados, FC (12 artigos articularam o *bullying* com outros fatores); estudos sobre a dinâmica relacional do *bullying*, FR, (4 artigos investigando as relações interpessoais com pares, professores e familiares); programas de intervenção, FI (5 artigos avaliaram os efeitos de programas de intervenção para a redução e prevenção de práticas de *bullying* escolar); e estudos de casos, FEC (2 artigos optaram em realizar um estudo de caso com vítimas de *bullying*).

Os resultados apontam e reafirmam o que foi encontrado por Coelho (2016): há predominância de estudos descritivos e correlacionais sobre o *bullying* escolar no Brasil no período de 2015 a 2019. Apenas 5 artigos, dos 39 analisados, utilizaram de outro método de pesquisa além do questionário; foram estudos que empregaram a entrevista como estratégia de coleta de dados. Poucas (n= 4) publicações neste período consideraram a dinâmica interacional do fenômeno, porém percebe-se o surgimento de artigos com foco em estudos de caso – o que não apareceu no estudo de Coelho (2016).

DISCUSSÃO

Para a discussão dos estudos analisados nesta revisão sistemática da literatura, foram organizadas cinco linhas de abordagem ao *bullying* escolar, considerando os cinco focos de análises adotados nesta produção:

- Estudos descritivos de *bullying* escolar;
- Estudos sobre fatores correlacionados ao *bullying* escolar;
- Estudos sobre a dinâmica relacional do *bullying*;
- Programas de intervenção *antibullying*;
- Estudos de casos com vítimas de *bullying*;
- Outros dados em análise.

Estudos descritivos de *bullying* escolar

Os estudos classificados como descritivos (por exemplo AGUIAR; BARRERA, 2017; ALCKMIN-CARVALHO; RAFIHI-FERREIRA; MELO, 2017; ALEXIUS *et al.*, 2018; OLIVEIRA *et al.*, 2016; SILVA; COSTA, 2016; ZEQUINÃO *et al.*, 2016) buscaram identificar a incidência de *bullying* escolar em contextos e populações específicas, caracterizando também os atores que compõem esse fenômeno e a participação deles nas situações de *bullying*. Todos os estudos (n=16) encontrados apontaram para a ocorrência do *bullying* em escolas brasileiras, particulares e públicas de diversos Estados, como também para sua incidência entre estudantes de ambos os sexos.

O estudo de Alckmin-Carvalho, El Rafihi-Ferreira e Melo (2017) identificou a ocorrência de *bullying* escolar numa escola pública na cidade de São Paulo, identificando a maioria das vítimas como adolescentes (12 a 14 anos) do sexo masculino, que também apresentavam comportamentos de internalização dos problemas, como isolamento, depressão e ansiedade. Eram estudantes apontados pelos professores como tendo problemas comportamentais – o que sugere possíveis impactos negativos do *bullying* no desenvolvimento emocional, social e acadêmico dos alunos. A pesquisa de Zequinão *et al.* (2016) verificou que os agressores (em sua maioria, meninos) eram mais velhos que as vítimas (em sua maioria, meninas) de *bullying* e que ambos eram, frequentemente, da mesma turma.

Oliveira *et al.* (2016), pesquisando escolas privadas e particulares de diversos Estados do Brasil com dados provenientes da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), em 2012, (n de alunos= 109.104), apontaram maior incidência de agressores do sexo masculino, menores de 16 anos, de escolas privadas. Ao traçarem o perfil dos agressores, Oliveira *et al.* (2016) constataram que esses adolescentes se sentiam solitários, tinham insônia, vivenciavam situações de violência doméstica e consumiam álcool e outras drogas ilícitas. Este estudo apresenta contribuições para a compreensão do perfil dos agressores, indicando que eles se encontram em situações de estresse e de vulnerabilidade (emocional, mental e social), assim como as vítimas.

Sobre a incidência em relação a sexo e tipo de escola, Aguiar e Barrera (2017) identificaram que nas escolas públicas os agressores eram, na maioria, do sexo masculino, enquanto nas escolas privadas não houve diferenças significativas entre o

gênero dos agressores. Os mesmos autores apontaram elevada prevalência de agressões tanto dentro da sala de aula quanto no recreio – como no estudo de Zequinão *et al.* (2016) –, e nos espaços onde ocorrem as aulas de Educação Física.

Pode-se observar que as ocorrências de práticas de *bullying* estão associadas a outros fatores de âmbito individual, além dos já anteriormente descritos, como a qualidade do vínculo do aluno com a escola e a aderência a comportamentos problemáticos neste contexto. O clima de satisfação em geral da escola, assim como a qualidade da relação professor-aluno e os métodos interventivos em situações de conflitos, estão diretamente relacionados também à incidência de *bullying* (SILVA; COSTA, 2016).

Sobre a intervenção da escola, a pesquisa de Zequinão *et al.* (2016) mostrou que os professores intervêm mais que os funcionários da escola, porém ambos os profissionais nunca, ou quase nunca, fazem algo para impedir que um aluno machuque outro.

Alexius *et al.* (2018) identificaram que os adolescentes do sexo masculino eram mais discriminados por serem bonitos ou feios, por serem gordos ou por apresentarem deficiências específicas; já as meninas eram discriminadas por serem gordas, altas ou baixas, feias, ricas ou pobres. Os dados de ambos os estudos fornecem informações do perfil das vítimas e da suscetibilidade de alguns grupos a sofrerem *bullying* por não se enquadrarem em padrões estéticos da sociedade.

Entre os estudos analisados nesta RS, chama-se atenção para o uso de questionários e escalas como ferramentas metodológicas para desvelar a prevalência e perfil dos atores de *bullying* nas escolas (n= 31). Pudemos constatar, nestes estudos, como exemplo, seus caracteres descritivos (por exemplo AGUIAR; BARRERA, 2017; ALCKMIN-CARVALHO; RAFIHI-FERREIRA; MELO, 2017; ALEXIUS *et al.*, 2018; OLIVEIRA *et al.*, 2016; SILVA; COSTA, 2016; ZEQUINÃO *et al.*, 2016) que tiveram como objetivos descrever, analisar ou estimar a incidência de *bullying* e o perfil dos atores que vivenciam esse fenômeno. Essas contribuições são essenciais para a identificação de quem são os envolvidos e quais são os comportamentos mais corriqueiros em uma situação de *bullying*. Todos os estudos descritivos analisados apontaram para a existência de *bullying* nas escolas, e indicaram a necessidade de mais ações voltadas para a prevenção e para a redução do *bullying* nas escolas – o que deveria ser feito em parceria com toda a comunidade escolar, com familiares dos estudantes e com diversos outros setores da sociedade.

Estudos sobre fatores correlacionados ao *bullying* escolar

Os estudos desta categoria (por exemplo FRANCESCHINI; MIRANDA-RIBEIRO; GOMES, 2017; CAVALCANTI *et al.*, 2018; SAMPAIO *et al.*, 2015; VALLE *et al.*, 2018; ZEQUINÃO *et al.*, 2017) buscaram identificar uma associação entre a prática *bullying* escolar e outros fatores no âmbito das relações sociais, da saúde mental, dos marcadores sociodemográficos e dos comportamentos de risco – para isso, usaram, como estratégia metodológica, questionários e escalas.

Um dos estudos (ZEQUINÃO *et al.*, 2017) levou em consideração a vulnerabilidade social de estudantes de 8 a 16 anos, indicando que os alunos em condição de vulnerabilidade não só apresentaram um desempenho escolar abaixo do esperado nos subtestes da leitura, escrita e aritmética, como também tinham participação em situações de *bullying*, como agressores, vítimas ou testemunhas.

Outro estudo (FRANCESCHINI; MIRANDA-RIBEIRO; GOMES, 2017) buscou identificar as motivações para o fracasso escolar de adolescentes do Ensino Médio (reprovações, infrequência e abandono escolar), e um dos motivos ligados a este fracasso foi o fato de esses estudantes terem sido alvos de *bullying*.

A relação entre professor e aluno também foi levada em consideração em dois estudos analisados nesta RS. Valle *et al.* (2018) observaram que o envolvimento de estudantes em situações de *bullying* interfere negativamente em seu engajamento escolar (a relação do estudante com as experiências escolares), e a boa relação entre professor e aluno pode ser um fator facilitador de mediações positivas em situações de violência e, conseqüentemente, pode contribuir para um engajamento positivo do estudante no cenário escolar.

Esses estudos descritos reforçam a importância da formação dos professores no sentido de que sejam capacitados para identificarem situações de *bullying* e para realizarem as intervenções adequadas, fomentando a qualidade da relação aluno-professor.

No âmbito da saúde mental o estudo de Cavalcanti *et al.* (2018) encontrou associação da sintomatologia depressiva com o enfrentamento da vitimização do *bullying*. Este estudo verificou que os alunos do sexo masculino do Ensino Fundamental sentiam-se mais inseguros na escola, eram alvos de *bullying* e apresentavam mais características ligadas a uma sintomatologia depressiva.

Em relação aos agressores, Sampaio *et al.* (2015) identificaram que eles não relataram nenhuma emoção ao abusar dos pares – mas as vítimas vivenciaram emoções de raiva, tristeza e vergonha. Este dado aponta para a necessidade de considerar as emoções que os atores sociais do *bullying* vivenciam para a compreensão do fenômeno.

Todos esses dados contribuem para a caracterização do perfil dos atores de uma situação de *bullying*. Os estudos deste segmento direcionam para um fenômeno multifacetado, multifatorial, e que precisa ser analisado em toda sua complexidade, reconhecendo o *bullying* como algo que extrapola o contexto escolar, sendo alimentado até por situações de violência do contexto familiar.

Estudos sobre a dinâmica relacional do *bullying*

Quatro estudos desta RS foram classificados nesta categoria e todos eles buscaram dar voz aos atores sociais que compõem a dinâmica de uma situação de *bullying*. Os estudos verificaram como eles se relacionam dentro deste contexto de violência.

Um estudo (TREVISOL; URBETI, 2015) buscou caracterizar as estratégias utilizadas por adolescentes vítimas de *bullying* para comunicar outra pessoa sobre esta vivência – os dados revelam que a maioria dos estudantes relatou a alguém (em sua maioria aos pares do mesmo sexo e a suas mães) o fato de serem vítimas de *bullying*. Nenhuma

dessas vítimas, no entanto, revelou sua condição aos professores – apesar de esperarem desses professores tanto intervenções para a resolução do problema quanto espaços de escuta.

Com este dado podemos observar que existe o movimento de revelação da identidade das vítimas, porém esta revelação não tem chegado aos professores ou à coordenação das escolas – atores responsáveis pelo clima escolar e pela criação de políticas e atitudes interventivas e preventivas diante do *bullying*. O desconhecimento por parte da equipe escolar pode ser um fator que alimenta a prevalência desse fenômeno no contexto escolar. Trevisol e Urbeti (2015) revelam, portanto, em sua pesquisa, que a escola precisa criar um clima de acolhimento e de investigação do *bullying* para que os alunos se sintam seguros em revelar à escola as situações de violência que estão sofrendo.

Outro estudo (BRINO; LIMA, 2015), entendendo que as testemunhas têm uma função essencial para a construção de uma situação de *bullying* (porque sem a testemunha o agressor não tem a validação das suas ações como um sujeito popular, superior ou mais forte), procurou identificar a percepção dos alunos acerca do papel das testemunhas em situações de *bullying*. Como testemunhas, os alunos revelaram preocupar-se com as vítimas e afirmaram sofrer mais *bullying* psicológico – os alunos de escolas públicas, testemunhas de *bullying*, disseram que não interferiam nas situações que assistiam, enquanto os estudantes de escolas particulares afirmaram que pediam que os agressores parassem de agredir suas vítimas. Ao refletirem sobre as motivações dos agressores, as testemunhas acreditam que os autores “se acham melhores” (tanto em escolas particulares quanto públicas), pois desejam mais popularidade. Este estudo destaca haver o sentimento de empatia das testemunhas em relação às vítimas, porém indica que essas testemunhas não apresentam subsídios para dar apoio ou estrutura psicológica para dar suporte aos colegas e assim interferirem na resolução das situações de *bullying* – seja reprovando as atitudes dos colegas ou acionando os professores e a coordenação escolar.

Situando a perspectiva do professor, Oliveira-Menegotto e Machado (2018) concluíram que os professores têm dificuldades de identificar situações de *bullying* (principalmente, as que se apresentam de forma sutil) e apontaram para a importância de a escola estar sensível a esse fenômeno e trabalhar em conjunto com a família, os alunos e professores (e, especialmente, na formação de professores).

O estudo de Fernandes, Yunes e Finkler (2016) analisou as relações entre *bullying* e violência doméstica – os estudantes que relataram passar por situações de violência física ou psicológica, provocada por seus familiares, ora estavam no papel de vítimas de *bullying* (por se apresentarem frágeis, com estrutura psicológica inferior aos pares) ora assumiam o papel de agressores (pois acreditavam que podiam seguir os exemplos negativos praticados por seus familiares, ou buscavam uma saída para a raiva que sentiam em serem vítimas de violência doméstica). Esses dados ressaltam a importância da aliança da comunidade escolar com as famílias, compreendendo o fenômeno do *bullying* numa perspectiva sistêmica, dentro de cada contexto específico.

Esses quatro artigos, que acessaram a dinâmica relacional do *bullying*, foram todos publicados em 2015, ou seja, desde então não temos atualizações e novas contribuições desse tipo para compreensão do fenômeno.

Programas de intervenção *antibullying*

Nesta categoria, cinco estudos voltados para programas de intervenção foram identificados nesta RS, e quatro serão descritos (MARTINS; FAUST, 2018; MIURA *et al.*, 2018; PEDRO-SILVA; PRADO; MORENO, 2017; STELKO-PEREIRA; WILLIAMS, 2016), mesma quantidade encontrada por Coelho (2016). Este número de publicações pode estar indicando uma constância na quantidade de relatos das experiências de programas *antibullying*, o que pode significar ou que escolas estão deixando de compartilhar programas que efetivamente vêm combatendo o *bullying* ou que essas políticas interventivas e sistemáticas não tenham sido realizadas.

Todos os estudos desta categoria relataram alguma mudança pós-intervenção, e apenas o estudo de Stelko-Pereira e Williams (2016), que avaliou o programa *Violência Nota Zero*, contra a violência e *bullying* em escolas, envolveu a formação de professores e de coordenação para a redução de comportamentos violentos dos alunos. Neste estudo, os grupos controle e experimental tiveram escores similares nos fatores avaliados após a intervenção, e o programa não melhorou o engajamento escolar nem reduziu a vitimização de estudantes pelos educadores, e vice-versa. Foi observada, porém, uma melhora na saúde mental dos professores e nos relatos de práticas de violência pelos estudantes. Mesmo não atingindo todos os objetivos, os professores reconheceram a importância do programa por trazer temas como *bullying*, violência escolar, práticas de combate e prevenção para o cotidiano escolar.

Miura *et al.* (2018) relataram a experiência de um projeto de extensão que tocou em diversos temas do cotidiano dos alunos do Ensino Fundamental, um deles o *bullying*. O estudo apresenta atividades que foram realizadas para trabalhar esse tema, como a leitura de histórias e dinâmicas grupais. A disponibilidade para o diálogo e uma escuta acolhedora foram elementos essenciais para facilitar o engajamento dos alunos – neste contexto houve a conscientização do que é *bullying*, e alguns alunos puderam se reconhecer como vítimas, agressores ou testemunhas, como também puderam exercer o respeito pelos colegas nas oficinas propostas. Num projeto com estrutura similar (PEDRO-SILVA; PRADO; MORENO, 2017), porém, realizado com alunos do Ensino Médio e à luz da psicopedagogia ético-construtivista, os alunos também saíram das oficinas de *bullying* com clareza das características deste fenômeno e entendendo que *bullying* não é brincadeira. Esses projetos sugerem que ações com atividades lúdicas e criativas garantem maior engajamento e interesse dos alunos e são mais efetivas para acessar o *bullying*.

Outro estudo teve suas intervenções executadas, tendo por base a abordagem cognitivo-comportamental. O projeto de Martins e Faust (2018) utilizou-se de diversas técnicas da abordagem atreladas às atividades com toda a equipe escolar, alunos e familiares. Como resultados, houve a produção de uma cartilha para futuras intervenções, uma ação de formação dos professores para o manejo de situações de *bullying* e a propagação da cultura de paz entre os alunos.

Apesar de a literatura mostrar que as intervenções mais comuns no cotidiano escolar, ante a situações como *bullying*, são a retirada dos alunos da sala de aula e a conversa com os envolvidos na coordenação (BRINO; LIMA, 2015), estes projetos de intervenção (MARTINS; FAUST, 2018; MIURA *et al.*, 2018; PEDRO-SILVA; PRADO; MORENO, 2017; STELKO-PEREIRA; WILLIAMS, 2016) nos lembram como a promoção de ações podem gerar conscientização e implicar na maior compreensão de como lidar com situações de *bullying*.

Estudos de casos com vítimas de *bullying*

Reverendo a análise de Coelho (2016), encontramos, na nossa RS, um tipo diferente de publicação estudando o fenômeno do *bullying* por estudo de caso. Pigozi (2018) realizou uma pesquisa cartográfica a partir de entrevistas, acessando as experiências de violência escolar e das redes de apoio proporcionadas a um adolescente vítima de *bullying* escolar. A autora identificou, na experiência singular deste jovem, dados encontrados em outros estudos, como os fatos de a família e os amigos terem sido a rede de apoio e cuidado encontrada pelo adolescente e de a escola só ter realizado intervenções pontuais em relação ao *bullying*, não tendo sido capaz de promover mudanças efetivas de comportamento no ambiente escolar ou de acessar toda a dinâmica relacional e de sofrimento psíquico da vítima.

Bazzo (2017), por sua vez, numa perspectiva etnográfica, pôde observar, na experiência de um estudante, que a escola fazia o agenciamento do *bullying* de maneira a legitimar desigualdades, estabelecendo que algumas vítimas eram mais legítimas que outras.

Esses estudos de caso reforçam a necessidade de se olhar para o campo da violência escolar, e para o *bullying*, como um território atravessado por diversos marcadores sociais (de gênero, raça, cor, atributos físicos, classes sociais e outros). Estas contribuições que revelam a singularidade de sujeitos em sofrimento reverberam no âmbito social e coletivo, apontando para os macrossistemas aos quais a escola e alunos estão ligados, indicando que estamos lidando com o fenômeno do *bullying* ainda de forma superficial e com soluções apenas pontuais para sua complexidade.

Outros dados em análise

Ressaltamos, agora, outros dados que nos chamaram atenção nesta revisão sistemática do *bullying* escolar. No panorama geral, a maioria dos estudos é de cunho nomotético e busca a generalização de dados para a caracterização da incidência e do perfil dos envolvidos; verificamos, por exemplo, que menos de 1/3 dos estudos aqui analisados (10 dos 39 artigos) não se utilizaram apenas de questionários ou escalas, e que ainda há a predominância de estudos descritivos focados apenas na incidência e tipificação.

Percebemos a necessidade de dar voz aos atores sociais que compõem uma situação de *bullying*, utilizando metodologias qualitativas, lúdicas e idiográficas, enfatizando a experiência dos sujeitos e a construção de significações em relação ao *bullying* e aos papéis dos envolvidos. Entendemos que estratégias qualitativas de criação

de dados (entrevistas, fotografias, desenhos, registros em diários e outras estratégias de investigação) vêm sendo pouco usadas para o estudo do *bullying* e podem ser muito significativas para a compreensão do fenômeno.

Bosacki, Marini e Dane (2006), como descrito em seu estudo, solicitaram que crianças de 8 a 12 anos desenhasse uma situação de *bullying* e contasse uma história a ela relacionada, posteriormente pediram que respondessem a perguntas sobre o desenho. Os autores consideraram que essa abordagem metodológica permitiu desvelar os sentimentos, motivações e pensamentos das crianças sobre o *bullying*, como vítimas, agressores e testemunhas. Observando os estudos de caso e pesquisas que se utilizaram de outras metodologias como o de Bosacki, Marini e Dane (2006), encontramos outras possibilidades de acessar esse fenômeno tão complexo e multifacetado em busca da criação de ações que promovam intervenções mais efetivas, tocando a subjetividade e o sofrimento psíquico das pessoas envolvidas.

Outro dado que se destaca nos estudos aqui analisados é a idade dos participantes: em sua maioria adolescentes. Sabemos que nesse período temos a maior incidência de comportamentos de *bullying* – possivelmente pelas mudanças psicológicas, hormonais, físicas e sociais oriundas da adolescência associada a fatores ambientais e às novas cobranças do ensino (RISTUM, 2010) – mas apenas 2 estudos aqui listados acessaram crianças a partir dos 8 anos (por exemplo ZEQUINIÃO *et al.*, 2016, 2017) e somente 1 estudo apresentado aqui, com foco interventivo, teve a participação de sujeitos com idade entre 2 e 14 anos (por exemplo MARTINS; FAUST, 2018). Com isso, constatamos que ainda são escassos no Brasil os estudos que tenham tomado como objeto de análise o *bullying* na infância. Estudar a infância é pensar em prevenção antes mesmo que uma situação de *bullying* seja instaurada. Olhar para esse período pode nos dar subsídios para começar a trabalhar o *bullying* e a agressividade no universo infantil.

Por fim, vale destacar que poucos foram os estudos situando o cenário das Regiões Norte e Nordeste do país (por exemplo CAVALCANTI *et al.*, 2018; MIURA *et al.*, 2018), o que pode sinalizar para a necessidade de observar o fenômeno do *bullying* também do ponto de vista cultural e regional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se constatar, a partir dos estudos analisados nesta revisão sistemática, que ao longo dos últimos 6 anos várias pesquisas se preocuparam em acessar o perfil dos atores envolvidos numa situação de *bullying*, ressaltando a prevalência desse tipo de violência nas escolas, como também associando-a a alguns fatores como a relação professor-alunos, a saúde mental e os marcadores sociodemográficos. A partir desses dados, torna-se relevante identificar como a dinâmica relacional (especialmente do ponto de vista das testemunhas e dos agressores-vítimas) favorece e regula as situações e experiências de *bullying* e de violência escolar.

Podemos observar a efetivação e a avaliação de programas *antibullying*, porém a análise desta revisão, como Coelho (2016) já havia identificado anteriormente, aponta para a necessidade de mais relatos das experiências de intervenções realizadas nas

escolas, e, principalmente, a avaliação dessas ações, visando a disseminar modelos para a elaboração de programas *antibullying* cada vez mais efetivos e que toquem na subjetividade dos envolvidos e de todo o sistema do qual fazem parte.

Diante desta construção, os estudos e reflexões sobre o tema *bullying* escolar apresentam-se como relevantes para a construção de ambientes escolares mais saudáveis e positivos, do ponto de vista da saúde mental e dos processos de aprendizagem. Reconhecer todos os mecanismos que sustentam uma situação de *bullying*, e que organizam as identidades das vítimas, agressores e testemunhas, que se encontram em diversos graus de sofrimento psíquico, facilita a produção de estratégias de enfrentamento e prevenção do *bullying* escolar.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, L. G. F.; BARRERA, S. D. Manifestações de bullying em diferentes contextos escolares: um estudo exploratório. *Psicol. Cienc. Prof.*, Brasília, v. 37, n. 3, p. 669-682, 2017.
- ALCKMIN-CARVALHO, F.; RAFIHI-FERREIRA, R. E.; MELO, M. H. S. Bullying and behavior problems reported by victims and teachers: Brazilian findings. *Psico*, Porto Alegre, v. 48, n. 1, p. 31-39, 2017.
- ALEXIUS, S. L. *et al.* Evidences of the association between individual attributes and bullying: a cross-sectional study with adolescents from Florianópolis, Santa Catarina State, Brazil. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 12, 2018.
- BAZZO, J. A agência da noção de bullying no contexto brasileiro a partir da etnografia de uma experiência escolar. *Horiz. Antropol.*, Porto Alegre, v. 23, n. 49, p. 203-231, 2017.
- BOSACKI, S.; MARINI, Z.; DANE, A. Voices from the classroom: pictorial and narrative representations of children's bullying experiences. *Journal of Moral Education*, v. 35, n. 2, p. 231-245, 2006.
- BRINO, R. F.; LIMA, M. H. C. G. Compreendendo estudantes vítimas de bullying: para quem eles revelam? *Psicol. Educ.*, São Paulo, n. 40, p. 27-39, 2015.
- CAVALCANTI, J. G. *et al.* Vitimização e percepção do bullying: relação com a sintomatologia depressiva de adolescentes. *Revista de Psicologia da Imed*, Passo Fundo, v. 10, n. 1, p. 140-159, 2018.
- COELHO, M. T. B. F. Bullying escolar: revisão sistemática da literatura do período de 2009 a 2014. *Rev. Psicopedag.*, São Paulo, v. 33, n. 102, p. 319-330, 2016.
- FANTE, C. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 2. ed. Campinas: Editora Versus, 2005.
- FERNANDES, G.; YUNES, M. A. M.; FINKLER, L. Percepções de adolescentes escolares sobre as relações entre violência doméstica e bullying. *Rev. Psicol. Polít.*, São Paulo, v. 16, n. 36, p. 153-168, 2016.
- FRANCESCHINI, V. L. C.; MIRANDA-RIBEIRO, P.; GOMES, M. M. F. Porta de entrada ou porta de saída? Fracasso escolar no Ensino Médio segundo estudantes e coordenadores(as) de escolas em Ribeirão das Neves, MG. *Educ. Rev.*, Belo Horizonte, v. 33, 2017.
- GOMES, I. S.; CAMINHA, I. O. Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as ciências do movimento humano. *Movimento*, v. 20, n. 1, p. 395-411, 2014.
- MARTINS, F. S.; FAUST, G. I. Prevenção ao bullying: intervenção baseada na abordagem cognitivo-comportamental. *Rev. Bras. Ter. Cogn.*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 113-120, 2018.
- MIURA, P. O. *et al.* O ambiente escolar como espaço potencial para adolescente: relato de experiência. *Pesqui. Prát. Psicossociais*, São João Del-Rei, v. 13, n. 2, p. 1-14, 2018.
- OLIVEIRA, W. A. *et al.* Associations between the practice of bullying and individual and contextual variables from the aggressors' perspective. *J. Pediatr.*, Porto Alegre, v. 92, n. 1, p. 32-39, 2016.
- OLIVEIRA-MENEGOTTO, L. M.; PASINI, A. I.; LEVANDOWSKI, G. O bullying escolar no Brasil: uma revisão de artigos científicos. *Psicologia: Teoria e Prática*, v. 15, n. 2, p. 203-215, 2013.
- OLIVEIRA-MENEGOTTO, L. M.; MACHADO, I. Bullying escolar na perspectiva dos professores. *Estud. Pesqui. Psicol.*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 321-340, 2018.
- OLWEUS, D. School bullying: development and some important challenges. *Annual Review of Clinical Psychology*, v. 9, p. 751-780, 2013.

- PEDRO-SILVA, N.; PRADO, C. M.; MORENO, C. R. Intervenção com adolescentes à luz da psicopedagogia ético-construtivista. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 42-65, 2017.
- PIGOZI, P. L. A produção subjetiva do cuidado: uma cartografia de bullying escolar. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 3, 2018.
- RISTUM, M. Bullying escolar. In: ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P.; AVANCI, J. Q. (org.). *Impactos da violência na escola: um diálogo com professores*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação; Editora Fiocruz, 2010. p. 95-119.
- SAMPAIO, J. M. C. et al. Prevalência de bullying e emoções de estudantes envolvidos. *Texto Contexto – Enferm.*, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 344-352, 2015.
- SILVA, C. S.; COSTA, B. L. D. Opressão nas escolas: o bullying entre estudantes do ensino básico. *Cad. Pesqui.*, São Paulo, v. 46, n. 161, p. 638-663, 2016.
- STELKO-PEREIRA, A. C.; WILLIAMS, L. C. A. Evaluation of a Brazilian School Violence Prevention Program (Violência Nota Zero). *Pensam. Psicol.*, Cali, v. 14, n. 1, p. 63-76, 2016.
- TREVISOL, M. T. C.; UBERTI, L. Bullying na escola: a compreensão do aluno no papel de testemunha. *Psicol. Teor. Prat.*, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 164-176, 2015.
- VALLE, J. E. et al. Influence of bullying and teacher-student relationship on school engagement: Analysis of an explanatory model. *Estud. Psicol.*, Campinas, v. 35, n. 4, p. 411-420, 2018.
- ZEQUINÃO, M. A. et al. Bullying escolar: um fenômeno multifacetado. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 181-198, 2016.
- ZEQUINÃO, M. A. et al. Desempenho escolar e bullying em estudantes em situação de vulnerabilidade social. *J. Hum. Growth Dev.*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 19-27, 2017.
- ZOLTOWSKI, A. P. C. et al. Qualidade metodológica das revisões sistemáticas em periódicos de psicologia brasileiros. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 30, n. 1, p. 97-104, 2014.